

NOTA À IMPRENSA

MASSAGRE DE ÍNDIOS NO VALE DO CORUMBIÁRA

No mês de março pp. alguns colonos do município de Cerejeiras, procuraram o CIMI-Rondônia para denunciar assassinatos de índios e garimpeiros no vale do Corumbiára. Os acontecimentos denunciados já eram do conhecimento de todos na região, com o agravante de que a própria Funai (15ª DR) e a Polícia Federal estarem à par de tudo e com provas concretas, mas ainda assim não ter encaminhado qualquer providência. Porém neste mês de abril, agentes do CIMI acompanhados de índios Harauindês e alguns colonos da região, comprovaram todas as denúncias anteriores e o descaso dos órgãos Federais.

Em setembro de 1985 a Funai constatou a presença de um grupo indígena arredio na margem direita do rio Cmaré. Naquela data não confirmaram as notícias de destruição de roçados indígenas, por causa dos madeiros e jagunços fortemente armados com espingardas de grosso calibre e de vários revólveres. O caso já tendia à ser arquivado, não fossem os próprios índios arredios terem visitado os índios Harauiquara do Norte, à procura de socorro. Tinham feito vários dias de caminhada e estavam muito tristes e revoltados com a recente morte de seus companheiros.

Depois de adiar o retorno à região por várias vezes, concordando com os argumentos do Sr. Antônio José Junqueira Vilela (proprietário da fazenda WYUWANGA, onde têm ocorrido as agressões), a Funai chegou à área no final de novembro/85. Apesar das camuflagens dos criminosos, foi possível averiguar vários roçados, aldeias e um cemitério indígena. Todas as roças, cerca de dez, tinham sido destruídas por um trator de esteira. Várias casas tinham sido destruídas, queimadas ou camufladas com capim colônia, ante a proximidade das averiguações. Mas a natureza ironicamente denunciou o crime, pois com a limpeza do trator, as bananeiras, carás, batatas, fumo, algodão, mandioca, amendoim e o milho-fofo voltaram a brotar por todos os la-

dos. Também encontrou-se uma tibia desterrada, resultado da destruição do cemitério pelo trator, pedaços de panela de barro, de flexas arcos, muitos paus com buracos, de machado, armadilhas, trilhas de caça, cinzas de fogueira, pinguelas de cipó, etc.

Peões e habitantes da região também encontraram muitos vestígios de índios na margem do rio Corumbiára, próximo à barra do rio Omeré. A Casa Paroquial de Cerejeiras denunciou a colocação de açúcar envenenado nas proximidades das aldeias desde 1983. Seguem-se várias outras denúncias perfeitamente verificáveis.

Mas o que pensar dos Órgãos Federais??

Depois de uma completa vistoria, a Funai já possui material suficiente para provar a posse imemorial daquela área pelos índios Nambiquara. Mas ao invés de encaminhar a interdição da área, o Sr. Aimoré, Delegado da 15ª DR/Funai, preferiu substituir a equipe de trabalho que conseguiu todas as provas, e abandonar o caso.

O Delegado da Polícia Federal, Sr. Rivaldo acompanhado de dois agentes esteve visitando duas das dez roças e um acampamento de fuga destruídos. Apesar das provas reais da agressão contra os índios, como a premeditada destruição das suas roças e casas (condenando os sobreviventes à pelo menos um ano de fome), dos cartuchos encontrados sobre as roças e acampamentos, da denúncia da índia Iur dos Sabanês (visitada pelos índios nus), e ainda da presença no município de um dos tratoristas, flexado numa das agressões, o Delegado Federal é de opinião de que as provas são insuficientes.

Acrecentando-se o fato de que já há aproximadamente 16.000 hectares de mata derrubada com 600 homens ainda trabalhando na região, e o IBDF nada faz.

Apesar das fortes ameaças e pressões, os agentes do CIMI têm confirmado agora todas as informações e conclusões anteriores:

- da existência do grupo arredio, pertencentes aos Nambiquara;
- de que a área invadida pelo Sr. Antônio José (fazenda Yvypytanga) e demais proximidades, é de posse imemorial desses grupos indígenas, devido a grande quantidade de vestígios e objetos típicos;
- que esse grupo vêm sendo alvo de agressões sistemáticas contra suas vidas desde 1983. E que de setembro/85 para cá já sofreram três ataques distintos. O último e mais absurdo, justamente no período solicitado pelo Sr. Antônio José Junqueira Vilela para a Funai

retardar a entrada na fazenda;

- de que a população sobrevivente é pequena e estão muito assu-
tados, ou não procurariam ajuda dos Maimandês (pois nunca possuíram
relações amistosas com este grupo);

- de que continuam ocorrendo violências por parte do pseudo-
proprietário da fazenda, principalmente através de seu gerente, o
Sr. Wilson, estando seriamente em risco de vida os poucos índios so-
breviventes.

Nós do Conselho Indigenista Missionário, conclamamos à to-
dos os segmentos da sociedade nacional, especialmente vocês ligados
aos meios de comunicação, para ajudar nas tentativas de impedir o
extermínio de mais um grupo indígena.

Por uma questão de princípios éticos e morais, não pode-
mos permitir que uma violência dessas, uma selvageria covarde leva-
da avante por alguns gananciosos, possa ficar impune. Esta é uma
aspiração dos Mamaindês, dos Negarotês e das equipes de trabalho
que presenciaram em loco as barbáries cometidas e ainda vivem o cli-
ma de pressão e insegurança instalado na área.

Que a interdição da área e detenção dos criminosos se fa-
ça imediatamente!

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO
REGIONAL RONDÔNIA

Alfaiado
P Conselho Indigenista Missionário - RO
Rua Dom Pedro II. 650
Cx. Postal 121 - Fone: (068) 221-9175
CEP 78.900 Porto Velho - RO

CIMI - RONDONIA
FONTE: "O IMPARCIAL"
DATA 25/04/86
CIDADE: PORTO VELHO

PERSEGUIÇÃO A ÍNDIOS OUTRA VEZ

Índios arredios, do Vale do Corumbiara, em Cerejeiras, vivem momentos de tensão, vítima de agressões na fazenda Ivipitanga, propriedade de Antônio José Junqueira Vilela. De acordo com denúncias do Conselho Indigenista Missionário, há riscos de extermínio dessa tribo, pois colonos de Cerejeiras já denunciaram assassinatos, conhecidos por todos na região. "Com o agravante de que a própria Funai e a Polícia Federal estarem a par de tudo e com provas concretas, mas ainda assim não terem encaminhado qualquer providência. Porém, neste mês, agentes do Cimi acompanhados de índios Mamaindê e alguns colonos da região, comprovaram todas as denúncias anteriores e o descaso dos órgãos federais".

O Cimi revela, ainda, que na área há 16 mil hectares de mata derrubada, onde seiscentos homens trabalham, sem serem molestados pelo IBDF. Segundo Mário Lúcio Silva, membro do regional de Rondonia, as violências continuam: "Não podemos permitir que esta selvageria covarde fique impune. Esta é uma aspiração dos Mamaindês Negarotês e das equipes de trabalho que presenciaram as bárbaries cometidas. Desde setembro do ano passado já sofreram três ata-

ques distintos", afirmou.

Mário Lúcio conta, ainda, que "o último e mais absurdo ataque contra esses índios aconteceu justamente no período em que o pretense proprietário da área, Antônio Junqueira, solicitou à Funai que retardasse a entrada na área". Conta, também, que a Paróquia de Cerejeiras denunciou o envenenamento dos índios em 1973.

Em setembro de 85, a Funai constatou a presença de um grupo indígena arredio na margem direita do rio Omere. "Naquela data — assigura o documento distribuído à imprensa pelo Cimi — não confirmaram as notícias de destruição de roças indígenas, por causa de madereiros e jagunços armados com espingardas de grosso calibre e revólveres. O caso seria arquivado se os próprios índios arredios não visitassem os Nambiquara, também no Vale do Guaporé, a procura de socorro".

Apesar dos diversos vestígios encontrados pela Funai e pela população — cemitérios, roças e casas destruídas — a polícia federal alega que as provas sejam insuficientes. O Cimi pretende que a área seja interditada e os criminosos sejam detentos.

CIMI - RONDONIA
 FONTE: "A TRIBUNA"
 DATA 25/04/86
 CIDADE: PORTO VELHO

Cimi denuncia PF e Funai por omissão

O Conselho Indigenista Misionário de Rondônia (Cimi-RO) denunciou ontem a 15.ª Delegacia Regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), sediada em Cuiabá e a Polícia Federal, de fazerem "olhos grossos" diante de assassinatos de índios e garimpeiros no vale do Corumbiara (MT), pois estão a par dos incidentes, inclusive com provas concretas, e não tomam providências.

Em setembro do ano passado, segundo o Cimi, a Funai constatou a presença de um grupo de índios arredio à margem direita do rio Omeré, mas não pôde confirmar notícias de destruição de roçados indígenas, por causa

dos madeireiros e jagunços fortemente armados com espingardas de grosso calibre e de revólveres. Após dois meses, mesmo com os argumentos de Antonio José Jurqueira Vilela, proprietário da fazenda Yvypitanga, de que não havia agressões na área, a Funai chegou e constatou a ação criminosa, com a distinção de aldeias e de um cemitério indígena.

Além da Funai, habitantes da região encontraram muitos vestígios de índios às margens do rio Corumbiara, próximo à barra do rio Omeré. Já a Casa Paroquial de Cerejeiras denunciou a colocação de açúcar envenenado nas proximidades das aldeias desde 1983.